



# O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## EDITORIAL

### A PROPÓSITO DE APARCAMENTO

Não há dúvida que em Fão rareiam espaços para os automóveis aparcarem. Isso até deu azo a uma polemicazinha que teve o condão de entreter aquelas pessoas ávidas de notícias sensacionalistas ou de casos políticos. Política caseira, já se vê.

De qualquer modo e por causa disso, pusemo-nos à procura de um terreno que também servisse de aparcamento, e eureka!, demo-nos conta de que aquela propriedade que pertenceu à D. Belmirinha do Lau servia à maravilha para aparcamento e até para mercado. Bem, em boa verdade a ideia não é virgem. O terreno é exactamente aquele onde existe a casa que serviu de residência àquela senhora com o respectivo quintal. Vai da rua Azevedo Coutinho ao Largo Amândio Teixeira.

É certo que existe um óbice de Tomo. É que aquela propriedade foi doada ao Asilo de Infância Desvalida e Órfãos — Dom Pedro Quinto, da cidade de Braga, com um fim exclusivo: «A casa e quintal que lego ao Asilo destinam-se a colónia de férias para as educandas daquela casa de caridade e nunca poderão ser vendidas nem destinadas a outro fim». É assim que reza o testamento da senhora D. Belmira Vilachã. Diz mais: «No caso de em qualquer tempo se tentar dar-lhes outro destino diferente da minha vontade, perderá o Asilo o direito ao legado que, nesse caso, passará para as oficinas de S. José, da mesma cidade, com o mesmo destino de colónia de férias e com a mesma obrigação de os não aplicar a outro fim».

Em nosso entender, o Asilo Dom Pedro Quinto Já há muito «perdeu o lugar», como se costuma dizer, pelo que tacitamente, tanto a habitação como o terreno adjacente passam para as Oficinas S. José. Com efeito, já há um bom par de anos que aquela casa (referímo-nos à habitação de D. Belmira) não cumpre a vontade da testadora. E assim impõe-se-nos a pergunta: A referida propriedade já passou para as Oficinas de S. José ou apenas passará quando esta instituição requerer os seus direitos? Já foi avisada? A quem compete a iniciativa do aviso?

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### CORONEL DR. JOÃO RODRIGUES BAPTISTA

Se os banhistas de Fão para os respectivos incolas eram fidalgos, filhos de algo, o coronel dr. João Rodrigues Baptista era uma personagem que infundia respeito, impunha admiração e concitava uma certa amizade, amizade que sem cerimónias os fangueiros distribuíam a todos os banhistas, porque eram banhistas de Fão. Eram *nossos* banhistas. Eram *nossos* porque o acto de preferência da praia de Fão derivava de uma escolha, consequentemente de uma opção e invariavelmente se transformava em amizade. Ao contrário do que acontece agora, os banhistas entrosavam-se no meio e identificavam-se com as suas gentes, vivendo os mesmos anseios, orgulhando-se da sua história, importando-se com o seu presente e com o seu futuro. Foi



a partir destas premissas que se criou o Grupo dos Amigos de Fão, fundado e dirigido por banhistas e cujo propósito era o progresso da terra fangueira e o bem estar dos seus habitantes; foi por muito amar esta região que a família Sampaio e Castro comprou casas em Fão para aqui viver os seus últimos dias. Foi por muito se identificar com os fangueiros que o Zé Madureira passou a morar na rua Capitão Larcher, depois de abandonar o emprego.

O coronel dr. João Rodrigues Baptista chegou à terra de Fão trazido pela mão de sua esposa, a D. Adelaide, cuja mãe, oriunda das Necessidades, comprou a casa da rua dr. Henriques Barros Lima, cuja cocheira se localizava no sítio onde se ergue hoje o camaranchão dos Esteves. Passou a familiarizar-se com o meio, apaixonou-se pelas belezas locais e aqui passava todas as férias. O dr. Baptista ou o coronel Baptistinha como alguns se lhe referiam — por ele ser pequeno? Amizade? — sabia di-

zer o seu madrigal — estamos a ouvi-lo perorar quando, há muitos anos, num serão de Agosto, saudava o violinista Vieira Pinto que, a convite de os Amigos de Fão, viera ao clube Fãozense dar um recital de música — mas adquiria um ar marcial ou pomposo quando a questão em que se metia ou o assunto de que tratava eram a sério. Contava-nos um familiar nosso que uma ocasião o dr. Baptista passava por uma rua de Fão quando inopinadamente deparou com uma acção de despejo: eram as crianças a chorar, eram os lamentos dos adultos, eram os móveis a ser acarretados cá para fora. Não vacilou um segundo: munido do lastro de jurisprudência que o curso de Direito lhe conferia, aliado à força do título de coronel (o ar de poucos amigos vinha-lhe daí) dirigiu-se aos «estivas» e intimou-os a meterem tudo lá para dentro outra vez. O certo é que ninguém lhe contestou as ordens. Claro que a história correu Fão e o nome do coronel encestou a fama de defensor das causas nobres. O seu perfil cresceu ao patamar de personagem carismática para o que contribuiu igualmente o seu passado de militar distinto e de figura pública.

Com efeito serviu na 1.ª Grande Guerra em África, sendo mobilizado em 1916 e expedicionário de 1916 a 1918. Desempenhou diversas comissões de serviço militar, sendo as principais as seguintes: Comando do 5.º Grupo de Metralhadoras, desde 21-3-1916; comando da coluna de Madai em Moçambique em 29-11-1917; comando do 3.º Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 29 em 25-3-1918, ainda na expedição de Moçambique. Foi presidente do júri do Tribunal Militar de Coimbra; Adjunto da Inspeção de Infantaria da 5.ª Divisão do Exército; Adjunkte de Campo do General Comandante da 3.ª Divisão do Exército; Defensor officioso e juiz auditor do Tribunal de Guerra, junto do Quartel General de Expedição a Moçambique; Chefe de Repartição do Comando da 1.ª Zona de Operações em Moçambique; promotor de justiça dos Tribunais Militares do Porto e de Vizeu.

Em termos não militares desempenhou as funções de Governador Civil de Viana do Castelo, em 1915, e de Braga, em 1920. Foi ainda delegado do Comissariado Geral dos Abastecimentos, em 30-7-1924, e subinspector e consultor jurídico da Inspeção de Espectáculos, de 1933 a 1950. Condecorações: Cruz de Guerra de 1.ª Classe; medalhas militares de prata e ouro de comportamento exemplar; medalha de Assiduidade no serviço; medalha de prata de Classe de Bom Serviço, letra C, e os graus de Comendador e Grande Oficial da Ordem de Aviz e de cava-

(Continua na pág. 2)

# EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Outra questão: O facto de a referida habitação não estar a funcionar nem como colónia de férias nem a desempenhar qualquer outra missão isso significa que está a ter outro destino diferente de vontade da doadora? A resolução deste problema não nos parece fácil, até porque não estamos a ver duas instituições «diocesanas», tuteladas pelo Arcebispo Primaz, a disputarem um contencioso, uma com a outra.

Uma coisa é certa: a casa que foi da D. Belmirinha e o quintal estão abandonados e a degradar-se e não cumprem o fim para que foram doados.

O Hospital não pode ajudar a resolver este impasse? Não vemos como. Caso o imóvel transite para a Oficina de S. José e esta não o destine a colónia de férias, o testamento é omissivo quanto àquilo que se há-de fazer depois. A testamenteira só diz que as Oficinas de S. José terão a obrigação, quanto aos prédios herdados, de os «não aplicar a outro fim». Não se pronuncia sobre a hipótese de as Oficinas não cumprirem «as ordens» do seu testamento. E no que concerne à Misericórdia estabelece o seguinte: «Do remanescente da minha herança, com excepções das minhas recomendações, que em carta deixo ao meu testamenteiro, P.e António Alves Nogueira instituo meu universal herdeiro o Hospital Asilo de S. João de Deus...»

Mas não será possível dar a volta ao texto, quer dizer, ao testamento? Vamos supor que as Oficinas trocavam as duas propriedades — casa e quintal — por uma habitação já construída ou a construir noutra local e que servisse de colónia de férias. Ficaria desvirtuada a vontade da defunta? Parece-nos que não, mas as canonistas terão uma palavra a dar.

Entretanto... entretanto muita água há-de correr debaixo da ponte antes que se aporte a uma solução satisfatória.

## O PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

leiro, oficial e Comendador da Ordem de Cristo.

Por tudo quanto acabamos de enumerar, o coronel Baptista era personagem de peso na Colónia Balnear de Fão. Em boa verdade, ele ultrapassava a qualificação de membro da colónia: era quase um habitante de Fão. Com a sua autoridade, com o seu saber jurídico, com os seus conhecimentos, com as suas relações, era um estremo defensor de Fão e das suas gentes. Na Colónia Balnear era o seu relações-públicas e tudo fazia para que o banhista se sentisse em sua casa. Como a família Sampaio e Castro, como a família Aníbal Abreu, como a Família Germano Nobre, como a família Aprígio Mendes e tantas outras, foi um defensor da terra fangueira e um seu activo propagandista.

## GASTRONOMIA

Em Fão já existe um número razoável de restaurantes que na sua grande maioria vão servindo de modo a não criar reparos. Resumindo: em Fão já se serve muito bem. Vai daí lembrámo-nos de que aqui se poderia criar o dia de qualquer coisa. Por exemplo: o dia da lampreia. Quem diz lampreia diz robalo, diz congro, diz sobremesas disto ou daquilo. Haveria a indispensável publicidade nos jornais, as pessoas, que é como quem diz, os donos de restaurantes, caprichariam a valer e o nome de Fão apareceria como terra onde se come bem.

Só que para isso terá que ser dado o pontapé de saída. Querirá a Junta pôr-se à frente desta iniciativa? Os serviços de Turismo não quererão tirar as mãos dos bolsos? Ou então, se nenhuma destas entidades tomar a ousadia de fazer aquilo que acima sugerimos, os simples particulares não quererão unir-se e desencadear as medidas que aqui se recomendam?

Como acima deixámos dito, os restaurantes em Fão são já bastantes. Vamos contá-los: um, dois, três e mais o Hotel Ofir, quatro. Sim, começamos lá por baixo. Cinco com o Bar de Fão. Depois na Rua dos Bombeiros temos mais dois: sete, portanto. Agora em Fão, centro, existe a Rita: oito, já. Mais três, no Ramalhão somam onze. É possível que nos esqueça algum e já temos uma dúzia.

Há um princípio que não devemos esquecer: quantos mais restaurantes houver numa terra, melhor. O que é preciso é que sirvam bem.

**PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA**

*One Way*

**TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS**

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás  
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

### EDITAL

Alberto Queiroga Figueiredo, industrial e presidente da Câmara Municipal de Esposende:

**TORNA PÚBLICO** que se encontra, para os efeitos previstos no art.º 118 do Código do Procedimento Administrativo, em apreciação pública, o projecto de alteração da Tabela de Taxas e outras Receitas Municipais da Câmara de Esposende, presente à reunião ordinária da Câmara Municipal de 10 de Março de 1994 e que mereceu concordância por parte desta.

Qualquer cidadão pode sobre o mesmo exprimir a sua opinião crítica e formular sugestões, as quais devem ser formuladas nos termos da disposição acima citada, por escrito, dentro do prazo de Trinta Dias, a contar da publicação do presente aviso.

O projecto da Tabela de Taxas e Outras Receitas Municipais encontra-se patente ao público na Secção Administrativa, Taxas, Licenças e Arquivo desta Câmara Municipal, de Segunda a Sexta-Feira, durante o horário normal de expediente.

Por ser verdade se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 17 de Março de 1994.

O Presidente da Câmara,  
*Alberto Queiroga Figueiredo*

## CONHEÇA O SEU RAMO FAMILIAR

PEDROSA

Trata-se de um nome de raiz toponímica. A família que o incorporou como apelido era da nobreza espanhola. Na segunda metade do séc. XV alguns membros desta família passaram para Portugal como foi o caso de Garcia Álvares de Pedrosa, a fim de acompanharem a princesa Leonor de Aragão um seu filho de nome Diogo da Pedrosa, aqui viveu, que casou com D. Duarte. Casou e deixou descendentes que lhe perpetuaram o nome. Foi mordomo-mor da rainha de Portugal e legítima rainha de Castela.

As armas dos Pedrosa são: de oiro com cinco pedras da sua cor postas em aspa, a do meio sustenta uma águia estendida de negro. Como timbre usava a águia do escudo.

# Dicionários EDITORA



A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da splanca de epítetos e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa 8ª edição é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua de Restauração, 365/4098 PORTO CODEX  
Livraria ARNADO LDA. Rua de João Machado, 8-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
IMP. L. FLUMINENSE LDA. Rua de S. João Nogueirano, 8-A/1200 LISBOA



# CONHEÇA-O MELHOR, CONHEÇA-O POR DENTRO

DR. JOAQUIM PEIXOTO RESPONDE AO  
QUESTIONÁRIO DE PROUST

As respostas são curtas e objectivas. Francas e sem pretensões. Que me perdoem aqueles que pensaram encontrar neste texto «literatura».

— *Que é para si o cúmulo da miséria?*

— Ter muito dinheiro e comer «os restos» que sobram aos pobres. Ou: «expor» o corpo para matar a fome aos filhos...

— *Onde gostava de viver?*

— Depende da idade e do trabalho. Há vinte anos atrás, deveria ter-me deslocado para o Porto. Hoje, gosto da minha casa, do meu «consulado». Mas, se pudesse ter uma casa de férias ou de «reformado» gostaria de viver no Gerez.

— *Qual é o seu ideal de felicidade terrestre?*

— Dinheiro. Paz. Amor.

— *Para que faltas tem mais indulgência?*

— Aquelas que são remetidas pelos idosos ou pelos inimputáveis.

— *Que heróis de romance prefere?*

— Os que se entregam à luta na defesa dos oprimidos, quaisquer que sejam as causas.

— *Qual é a sua personagem histórica preferida?*

— Portuguesa? Há muitas. A mais recente: o Dr. Mário Soares de 75. Dos meus tempos de menino: o Zé do Telhado. Porque roubava para dar aos pobres. Lembro-me de bater palmas quando vi, pela primeira vez, o filme da sua vida...

— *Quais são os seus heróis preferidos da vida real?*

— Aqueles que dão a cara com coragem e sem medo; os que lutam por um Ideal ou pelo Bem Comum; os que trabalham gratuitamente por amor a uma causa quer seja nos Bombeiros, no Hospital ou no Futebol. O altruísta na verdadeira acepção da palavra.

— *Qual o seu pintor preferido?*

— O naif. Aquele que sem «Escola» é capaz de retratar como um fotógrafo... Não sou colecionador de quadros nem tenho apreço pelo pintor elitista porque, quando atinge uma craveira «económica» alta, torna-se vaidoso e arrogante. Até a assinatura custa uns «milhões»...

— *Qual o seu músico preferido?*

— Zeca Afonso. Deixou-me saudades, embora só o conhecesse através dos «media».

— *Quais são as qualidades que prefere no homem?*

— O homem deve possuir três «efes»: Frontal, forte e frio.

— *Quais são as qualidades que prefere na mulher?*

— Solteira ou casada? A segunda deve ser boa esposa; boa mãe; boa dona de casa e cooperar economicamente para o «cofre» comum.

— *Qual é a virtude que prefere?*

— A honestidade. Depois, a frontalidade.

— *Qual é a sua ocupação favorita?*

— Trabalhar, ganhando dinheiro. Depois, pescar...

— *Quem gostaria de ter sido?*

— Não invejo ninguém. Portanto, nunca pensei nisso. Quando era pequeno, lembro-me, gostava de ser sacristão para tocar o sino... manias...

— *Qual é o principal traço do seu carácter?*

— Sou muito teimoso e irónico mas reconheço facilmente os maus erros... quando os cometo.

— *Qual é a qualidade que mais aprecia nos amigos?*

— Serem francos e leais e apreciarem bons pratos. Não é por acaso que sou diabético...

— *Qual é o seu principal defeito?*

Neste momento? Sou muito guloso e só gosto do que me faz mal.

— *Qual é o seu sonho de felicidade?*

— O regresso do homem às «origens». Onde cada homem fosse um Adão e cada mulher uma Eva.

— *O que seria para si a maior felicidade?*

— Tenho medo de responder. Mas a resposta mais consciente seria esta: Morrer sem ver os meus filhos criados, educados e bem encaminhados na vida. Depois do dever cumprido, todos esperamos pelo «passamento».

— *Quem é que gostaria de ser?*

— Quem sou. Todos os que me conhecem sabem que sempre lutei por quebrar os «laços» que me marcaram ao nascer. Há cinquenta anos cada criança, quando nascia, trazia no seu bilhetes de identidade a profissão, a classe social, a riqueza ou miséria. Só por feliz acaso ou sorte, o tal bilhete de identidade era alterado. Como já referi numa questão anterior, não me sinto mal em ser quem sou.

— *Qual é a cor que prefere?*

— O azul (subentende-se cor). Parece-me que é aquela que existe no céu, no mar, e nos meus olhos...

— *Qual é a flor que mais gosta?*

— O lírio. Talvez porque tenho muitos no meu quintal.

— *Qual é o pássaro de que mais gosta?*

— O canário e o melro. Não posso escolher só um.

— *Quais são os seus escritores preferidos?*

— Portugueses? Alguns: Camilo; Eça; Ferreira de Castro; Soeiro Pereira Gomes. Estrangeiros? Alberto Camus; Vítor Hugo; Balzac.

— *E quais os seus poetas preferidos?*

— Camões; Florbela Espanca; António Aleixo.

— *Quais os seus nomes preferidos?*

— Nunca pensei nisso. Dos meus filhos, só sugeri o do último: Vítor Hugo. Na altura, lia muito as obras deste escritor francês. É uma questão de moda... As Fátimas; os Marcelos; as Lurdes; sei lá! Hoje, são os nomes de origem brasileira (influência das telenovelas) e estrangeirados (influência dos paí-

ses de acolhimento) ou dos padrinhos de baptismo.

— *O que detesta acima de tudo?*

— A hipocrisia.

— *Quais são os caracteres históricos que mais abomina?*

— As guerras religiosas e o colonialismo.

— *E os feitos históricos que mais admira?*

— A independência dos povos.

— *Qual é a reforma que mais admira?*

— A passagem de uma ditadura para a democracia.

— *Qual era o dom da natureza que desejaria ter?*

— A capacidade de renovação. Depois do Inverso... chega a Primavera. Eu caminho para a velhice. Não me renovo...

— *Como gostaria de morrer?*

— Sem dar trabalho aos meus familiares. Sem me despedir ou pré-aviso.

— *Qual é o seu presente estado de espírito?*

— Muda de hora para hora. de dia para dia. A minha diabetes altera-me frequentemente os «fuzíveis». Mas não sou ruim de aturar, parece-me...

— *Qual é a sua divisa?*

Uma alma sã, num corpo são. Ganhar dinheiro, razoavelmente, para não pedir esmola ao «vizinho».

## APOIO À COMPRA DE HABITAÇÃO SOCIAL

A Câmara Municipal de Esposende deliberou, na última reunião do seu executivo, apoiar a compra de habitações sociais por famílias cujo rendimento médio seja o correspondente a dois salários mínimos nacionais, corrigidos em mais 165 contos por cada filho.

A medida que, abrange numa primeira fase um conjunto de 38 casas já construídas num loteamento em Fão e que irão ser distribuídas a outras tantas famílias que a elas concorreram, implica um investimento municipal de 45 mil contos.

A comparticipação do município surge na sequência do protocolo assinado com o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE7, por ocasião da visita ao concelho, em Outubro de 1993, do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva. O Acordo com o Instituto prevê a construção de 400 habitações em quatro anos, e a comparticipação conjunta de 30 por cento do valor das habitações, (15 por cento pela autarquia e outro tanto pelo IGAPHE7.

A Câmara Municipal é, assim, a primeira autarquia a utilizar as possibilidades inscritas num Decreto-Lei de 1988, que preconiza a construção de habitações a custos controlados e define os apoios à sua aquisição por municípios de baixos rendimentos.

As 38 casas agora entregues, T2, T3 e T3 duplex, foram edificadas ao abrigo de um Contrato de Desenvolvimento de Habitação (CDH) celebrado com um empreiteiro local, tendo a Câmara doado o terreno e construído as infraestruturas.

Ao abrigo do protocolo celebrado com o Estado, as Câmara tem em execução um outro CDH em Pelmeira de Faro, e dois outros em Apúlia e Marinhas (cujas obras já começaram), estando, também, a promover a auto-construção com o competente apoio técnico e de projecto, e com redução de taxas.

É intenção do Presidente da Câmara, Alberto Figueiredo, celebrar, no corrente ano, acordos semelhantes com o IGAPHE de modo a que outros municípios possam beneficiar do apoio de 30% na compra de uma habitação, bem como para permitir o alargamento.

Das 400 habitações sociais que serão lançadas no presente mandato, uma parte será para venda com apoio e a restante para arrendamento.

# MOVIMENTO CÍVICO FANGUEIRO

**BOLETIM INFORMATIVO — N.º 1  
MARÇO 1994**

Como havíamos prometido no nosso boletim n.º 00, aqui estamos de novo mantendo o contacto com a população fangueira.

Visa esta conversa falar de tudo o que se vai passando em Fão, não nos querendo substituir a este magnífico jornal que, honra lhe seja feita, é o único meio de unir todos os fangueiros, quer aqui, quer por esse mundo fora onde exista um «patrício».

Se nos deixarem e tivermos habilidade para isso, tentaremos, através das nossas iniciativas, paulatinamente, engrandecer Fão em todos os aspectos: nos que nos deixarem mexer e nos outros que mesmo que nos estejam vedados, saberemos com compostura abordá-los para desmistificar certos feudos que por cá se vão construindo.

Para bom entendedor!!!

Criaremos ao longo do tempo várias rubricas que merecerão da vossa parte, leitores atentos, a confiança que poderão depositar em nós.

Até agora não houve reacções negativas quanto à criação do nosso movimento. Ora isso dá-nos vontade de tentar fazer mais e melhor, dar a Fão com o nosso desprezioso e modesto contributo, algumas horas do nosso descanso para ajudar a resolver alguns problemas e lacunas que se vão passando na nossa querida vila.

Saberemos, como várias vezes repetimos, ser claros, honestos, concisos e precisos na defesa intransigente, sem mordanças, do processo e futuro de Fão.

«Et pour cause», desculpem-nos este pequeno estrangeirismo, cá vamos nós apresentar algumas das coisas que nos vêm afligindo:

## A PROPÓSITO DE:

No dia 3 de Janeiro de 1994 realizou-se em Fão a tomada de posse dos elementos que foram eleitos para a assembleia de freguesia. Ora, como um dos nossos companheiros deste movimento também foi eleito desta vez por vontade popular para esta assembleia, assistiu por direito próprio a esta primeira reunião. Assim, foi prometido pelo presidente reeleito da mesma uma nova assembleia, desta vez pública, para os finais do mês de Janeiro. Como estamos já em Março apetece-nos dizer se não seria essa assembleia marcada para Janeiro, mas de 1995. Pensávamos nós que seria tão bonito se os órgãos que detêm o poder se dispusessem a gerir a nossa terra com a clareza e a disponibilidade que demonstraram nos 10 dias de campanha eleitoral. Aqui fica feito o reparo para que, de futuro, os compromissos assumidos sejam respeitados para com aqueles que mesmo sem usufruírem do poder foram tão eleitos como os que o possuem. Só assim terão alguém em quem

confiar, caso o desejem. Pelos vistos não o querem pois em Fão há gente válida que pode ajudar com ideias, actos e outras coisas mais, aqueles que saibam honrar os compromissos.

Ficamos à espera.

## CULTURA:

Em tempos de eleições houve um colóquio sobre o futuro de Fão que juntou no Centro Cultural várias dezenas de fangueiros interessados como nós nisso mesmo: futuro.

Faltaram uns quantos e alguns com responsabilidades no burgo também primaram pela ausência, talvez não acreditando que Fão não tem futuro. Mas tem, sim senhor.

Esta iniciativa da cooperativa cultural deveria ter continuidade, aliás como ficou prometido nessa reunião, mas até agora também não se vislumbra movimento para voltar a reunir as mesmas ou outras pessoas a fim de se poder discutir sobre tema tão importante.

A Cooperativa Cultural obriga-se a ser mais empreendedora, e, se por acaso precisar da nossa ajuda para esta ou outras iniciativas, cá estaremos prontos para dar uma mãozinha.

A bola está do vosso lado. É preciso contratar um ponta-de-lança?

## DESPORTO:

O nosso futebol lá vai andando. Que nos desculpe o nosso bom amigo João Pedras, por metermos foice em seara alheia, mas era tempo de consciencializar os mais bem abonados para dar uma ajudinha. Sabemos todos que o nosso clube vai levando o bom nome de Fão pelo distrito fora e será justo que tenhamos no futuro maior ambição para podermos dormir descansados sem sonhar em descidas de divisão, que seriam uma catástrofe para o Club de Futebol de Fão.

## SONHOS:

Para desanuviar vamos contar-vos um sonho que tivemos em Dezembro de 1993, que pela sua originalidade merece ser do vosso conhecimento:

«Sonhámos que estávamos a assistir a um comício de um partido em Fão. A dado passo alguém afirmou com propriedade que, graças a Deus, para a próxima semana iriam ser iniciadas as obras para a construção de um pavilhão gimnodesportivo para que a juventude fangueira pudesse usufruir de tão importante investimento. Mais ainda e para nossa surpresa de que eles não eram como os «outros» que em campanha eleitoral punham umas máquinas escavadoras em alguns lugares estratégicos só para enganar a população. E que isto e que aquilo e lá ia andando o comício com palmas (muitas) à mistura, tudo na

boa fé e no entusiasmo dos apoiantes do dito partido».

Não é que agora, que já passaram mais de três meses, apesar de estarmos bem acordados tudo o que de bom assistimos no sonho não se realiza. Não terá passado efectivamente de um sonho. Mas todos sabemos muito bem que os sonhos são desejos secretamente escondidos e quanto desejávamos nós e toda a nossa juventude de ver realizado esse sonho bom que agora nos vai perturbando no dia a dia sem sabermos se estávamos a dormir ou se acordados não conseguimos entender claramente a mensagem transmitida.

Ficamos à espera.

## JUVENTUDE:

Alegrai-vos, juventude, pois para vós temos preparadas umas iniciativas de estalo.

A seu tempo daremos, através, deste nosso Boletim, as notícias sobre o que pretendemos fazer por vós e para vós.

Temos em mente bastantes coisas para vos ajudar nos tempos livres mas assalta-nos agora precisamente uma ideia que seria bastante apreciada: fazei-nos chegar as vossas ideias também sobre aquilo que seria bom para vós, sobre o que vós querieis fazer e/ou realizar e não podeis, para todos juntos estudarmos as hipóteses e, se possível, concretizar os vossos anseios.

Ficamos à espera das vossas sugestões e podeis contar com o nosso movimento.

## FESTAS DE FÃO:

Temos assistido com imenso agrado às movimentações feitas pelas senhoras da nossa terra em prol de umas festas bonitas e diferentes.

Por se tratar de um caso inédito cá no burgo e se calhar em todos os outros lugares, estamos nós e toda a população com certeza na expectativa de vermos algo de diferente nas nossas festas.

Com todo o respeito que nos merecem as senhoras e meninas metidas na Comissão de Festas, pois realizá-las não é assim tão fácil, estamos já a aplaudir o esforço que dispensem pois arrumar a casa, trabalhar, cuidar dos filhos, e ainda arranjar tempo para fazer parte da comissão, é obra que merece os nossos parabéns.

Que corra tudo bem, são os nossos sinceros desejos.

## FIMMMM!!!!

E já vai longo por hoje o nosso e vosso Boletim.

Para o próximo número do jornal teremos mais notícias e novidades.

Fiquem à espera.

Fão merece.

*A Comissão Coordenadora do  
Movimento Cívico Fangueiro*

## LOJA BOM TOM

### PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

### A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Esperamos que tenham tido uma boa Páscoa e também bons resultados escolares, para a alegria ser completa!**

## A GAIVOTA

Por ALTAMIRO MARQUES

O pais do Xana e da Joaquina alugaram durante as férias uma casa, num sítio longe da cidade e muito bonito. A casa ficava perto dum rio muito grande, que tinha um cais e um barqueiro, que fazia a travessia para a outra margem.


Os dois manos eram muito ajuizados e os pais deixavam-nos ir até ao cais, com a condição de terem cuidado e não caírem à água. Um dia, o Xana e a Joaquina estavam sentados no cais, à sombra dum salgueiro e eis que surge uma gaivota, ainda novinha, que subia o rio acompanhando a maré. Os manos ficaram maravilhados a observar o voo daquela gaivota que, ora subia ligeiramente, batendo as asas, ora rasava as águas, pairando graciosamente. Subitamente surgiu um barco a motor, onde vinha um homem com uma espingarda. Ouviu-se um tiro e a pequena gaivota caiu na água, enquanto o barco se afastou... Aquele homem não era um caçador, porque matava apenas pelo prazer de destruir.

A gaivota debatia-se na água e três garotos, daqueles que, tal como o homem mau, não foram ensinados a respeitar os animais, pediram o barco emprestado ao barqueiro e foram buscar a ave ferida. Chegadas a terra, amarraram-lhe um fio ao pescoço e começaram a arrastá-la pelo chão, dando-lhe chutos e atirando-lhe pedras.

O Xana e a Joaquina não puderam mais... e, como a mãe lhes havia dado vinte escudos para comprarem um sorvete, deram o dinheiro aos garotos e ficaram com a gaivota. A bicha estava muito assustada, com uma asa a sangrar e não compreendia, coitadinha, que os manos queriam a sua salvação. Dava bicadas a torto e a direito, porém o Xana conseguiu agarrá-la, cobrindo-lhe a cabeça com a boina e segurando-lhe o pescoço com os dedos. Apressaram-se então a trazer a gaivota para casa, guardando-a num grande galinheiro, onde havia uma galinha com pintalinhos. A galinha, que nada percebia de passarocos, julgou tratar-se dum milhafre. Ficou assustada, fez muito barulho e chamou os pintalinhos, que se esconderam debaixo dela, muito quietinhos e sem piar.

(Continua)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

## PAUSA PARA SORRIR

Um cavalheiro casou com uma senhora que era imensamente faladora. Falava a torto e a direito, e muitas vezes nem tinha tempo de pensar no que dizia, e safa uma conversa disparatada.

O pobre marido acabou por se habituar aquele tagarelar constante e nem se dava ao trabalho de tentar interrompê-la.

Certo dia, iam de viagem. Ele conduzia em silêncio e ela, como de costume, palavra sem descanso. A certa altura, virou-se para o marido e disse:

— Sabes, querido, a mamã, quando estávamos noivos e tu ias lá a casa achava-te muita graça por tu saberes muitas adivinhas. Ainda sabes algumas? Ora diz lá uma, sim?

O marido não se fez rogado e disse-lhe:

— Sabes qual é a diferença entre ti e um espelho?

Que disparate, querido! — abespinhou-se ela. — Não há nada que comparar entre mim e um espelho! Ora diz lá se há!

Responde ele, muito calmo:

— É que o espelho reflecte sem falar e tu... falas sem reflectir!...

## AMOR A DOIS. TU E TEUS OLHOS

Teus olhos são minha luz!  
Teu cérebro, meu pensar.  
É teu olhar que me seduz.  
É por ti que sei sonhar!

Quando olhas em meu olhos,  
Em teus olhos eu me iludo!  
Mas, sim, tenho a certeza,  
Que quem tem amor tem tudo.

Amo-te a ti e ao teu olhar  
Com um amor tão profundo!  
Que até esqueço que existe vida!  
Até esqueço que existe mundo!

Ai! se teu olhar falasse!  
Pois demonstras muito pouco.  
P'ra quem sofre de incertezas  
De um amor assim tão louco!

Posso teu amor não ter.  
Mas terei o teu olhar.  
Sem teu amor não sei se vivo.  
Não vivo é sem teu olhar!

LÚCIA TORRES

## O ADEUS DO NOSSO PLANETA

Gostava de saber  
Como o mundo funciona,  
Para o poder  
Ajudar a sobreviver.

Mas como posso  
Eu socorrer  
Um doente cuja  
Voz já não posso ouvir,

Que já não se escuta  
No brotar dos riachos  
E na queda estrondosa  
Da água das cascatas?

Já não podemos  
Ouvir a pulsação  
Forte e compassada  
Da Terra

Nas ondas do mar,  
Porque já nada  
Disso existe,  
Só há ecos surdos

E longínquos  
Do que já foi,  
Os ventos que  
Outrora bailavam

Felizes por entre  
As montanhas,  
Arrastam agora  
As suas lamúrias

Até ao fundo dos  
Desfiladeiros,  
Escondendo, assim,  
O sofrimento do

Planeta do seu carrasco.  
Eu já não consigo ouvir  
Os lamentos da Natureza,  
Porque à minha volta

Só há o barulho dos carros,  
Das obras nas ruas,  
E o Burburinho  
De uma humanidade

Que já nem humana é,  
É só máquina,  
Egoísta e fria,  
Sem consciência,  
Prestes a ser aniquilada  
Pela sua própria inteligência.

MARTA MARIZ MENDES



Desenho de ISABEL M.

# DE APÚLIA

**NECROLOGIA** — No lugar da Areia faleceu no dia 26 de Fevereiro último, a Senhora D. Idalina da Costa Portela, natural de Barcelos e radicada há anos em Apúlia. Era filha de Manuel da Costa Portela e de Benilde Pinto da Costa Portela, e viúva de Daniel da Costa Oliveira Carvalho.

la completar 78 anos de idade no dia 17 de Maio.

— Também no lugar da Areia, e no passado dia 5 de Março, faleceu a Senhora D. Maria dos Santos, filha de Caetano Pinto Correia e de Rosária dos Santos.

Era natural de S. Tiago de Piães, concelho de Cinfães do Douro, onde nasceu no dia 24 de Junho de 1896, e viúva de João Pereira da Fonseca.

— No lugar de Criaz, ainda no mês de Março, faleceu o Senhor José Armando Gomes Babelo, marinheiro reformado, filho de Amadeu Afonso Babelo e de Júlia Afonso Gomes.

Era natural de S. Pedro da Torre, onde nasceu a 17 de Março de 1936. deixa viúva a Senhora D. Fernanda Soares de Araújo.

O «Novo Fanguieiro» apresenta a todos os familiares enlutados o seu cartão de pesar.

**OS NOSSOS ARTISTAS** — O «Cardeal Saraiva», jornal que se publica em Ponte de Lima, dava conta de uma exposição de pintura, escultura e cerâmica, patente na Assembleia Municipal daquela linda vila ribeirinha.

A escultura e a pintura eram da autoria de dois apulienses, pai e filho, José António Carlos Carvalho e Avelino Fernando da Silva Carvalho.

Curioso, o pai que já pinta há muitos anos, arte em que grangeou uma notória projecção, dedica-se agora mais à escultura, e também aqui mostra possuir muita sensibilidade e arte para lidar com o barro, o cimento, o gesso, o granito ou o ferro. Um artista, que já o era.

O filho, o Fernando, bancário na cidade do Porto, também casado com uma bancária, sem filhos, aproveitou os seus tempos livres para estudar pintura com bons mestres. E, ao que parece, já com certa fama e proveito.

Já é dos que fazem poemas na combinação das cores, que dá vida às naturezas mortas, que escreve romances pintando paisagens.

Modesto e simples como é, também vai ser artista como o pai, mas com outra visão das coisas e com outra noção das cores e das distâncias, que lhe advirão dos mestres, que o progenitor não teve.

Parabéns a ambos.

**NOVOS LICENCIADOS** — Mais três novos licenciados vieram recentemente enriquecer o panorama cultural de Apúlia, as Senhoras D. Laurentina Veloso Fernandes Torres, D. Clarinda Moreira da Cruz, e D. Ana Maria da Vinha Escrivães.

As novas doutoras, formadas pela Escola Superior de Educação de Fafe, com o Curso de Estu-

dos Superiores Especializados, eram já Professoras do Ensino Básico.

Um aceno de simpatia, e sobretudo de admiração, para as novas licenciadas, e parabéns para Apúlia.

**UMA CANÇÃO PARA... BRAGA** — A canção «Juntos no Amor», com letra e música de um conjunto musical de jovens apulienses, foi a primeira classificada para representar o arceprelado de Esposende, em Braga, em certame que contará com a presença das canções apuradas nos restantes Arceprelados da Diocese.

Parabéns aos jovens apulienses — Irene Fradique, Marlene Tarrío, Júlio Melo, José Maio, Domingos Matias, Nuno Casais, Filipe Queiroga e Nuno Moreira.

Um título sugestivo, uma linda canção, e um merecido e estimulante prémio.

**COMO AS ANDORINHAS** — Os irmãos João e Manuel Gopmes Moreira (João e Manuel Fé), que têm a sua vida organizada na cidade de S. Paulo-Brasil, são como as andorinhas. Todos os anos (um na Primavera, o outro no Verão) voltam ao «ninho» onde nasceram por uns meses.

Este ano já está entre nós para a habitual temporada, o amigo Manuel Fé, acompanhado da Esposa.

Desejamos-lhes boas férias.

**DOENTES** — Internado no Hospital de S. João, do Porto, encontra-se gravemente enfermo, o nosso conterrâneo Manuel Lima Gonçalves Moreira, regressado há dois anos da França, onde fez grande parte da sua vida profissional.

— Já se encontra em casa, a restabelecer da operação a que teve de se submeter recentemente, o nosso particular amigo, senhor Adelino Dias da Silva (Adelino Mujo), proprietário reformado da nossa terra.

Os nossos desejos de boas melhoras para o primeiro e rápido restabelecimento para o segundo, um homem que faz falta à terra na plenitude das suas faculdades físicas.

**FUTEBOL** — É já um lugar comum dizer nestas «crónicas» que o futebol em Apúlia vai bem. Mas é a verdade. Razoavelmente bem classificado no campeonato que disputa, acaba agora (ontem, sábado de Aleluia) de se classificar para a final da Taça Associação de futebol de Braga, ao vencer, fora, o Gualtar por 1 - 0.

O actual treinador, em entrevista à Rádio de Esposende, disse no princípio da época que o Apúlia ia apostar na prova denominada Taça A. F. de Braga.

A vontade, muitas vezes não chega. Mas neste caso, parece, chegou.

Não só por isso, mas principalmente por isso,

o Grupo Desportivo de Apúlia, os seus atletas e técnicos e a Direcção, estão de parabéns.

Mas Apúlia (terra) também está.

**PÁSCOA** — À hora a que escrevemos estes apontamentos neste primeiro domingo de Abril, decorre a visita Pascal a toda a comunidade apuliense.

Como aconteceu nos anos transactos, quatro «Compassos» percorrem as ruas, visitam todas as casas, e em todos os lados estão a ser recebidos com manifestações de alegria. Dizem-no os verdes e as flores que atapetam as ruas, estradas, e caminhos, o estrelajar de foguetes nos quatro cantos da terra, e o repicar festivo dos sinos nas Igrejas e Capelas.

Depois do luto da Semana Santa, depois das trevas da Paixão, o Domingo de Páscoa celebra a passagem da morte à vida, com a alegria da ressurreição de Cristo, festa ímpar da Igreja Católica.



## FALECIMENTOS

Devido a doença, faleceu nesta Vila a 14 de Março passado, Joel Pinheiro de Magalhães, de 93 anos, médico, casado com D. Norberta Assunção Matias, natural de Esposende.

O ilustre extinto era cunhado de José Maria e Casimiro Matias, tio de Júlio Magalhães Faria e de D. Manuela Magalhães Guimarães.

Depois exposto em câmara ardente na Igreja do senhor Bom Jesus, daqui saiu o funeral para o cemitério paroquial, com grande acompanhamento e representação de Bombeiros Voluntários de Esposende e de Fão.

Oriundo de uma das famílias tradicionais e respeitáveis na sociedade de Esposende, o Dr. Joel Pinheiro de Magalhães foi um bom desportista em remo, entre outras actividades da época. Exerceu clínica em todo o concelho de Esposende, quer em privado, quer na qualidade de médico municipal, desempenhou as funções de Subdelegado de Saúde durante longos anos e de que se reformara. Exerceu clínica nas Casas do Povo e de Pescadores, no Hospital Valentim Ribeiro e, posteriormente, em Fão. Serviu, ainda, a corporação dos Bombeiros voluntários do concelho de Esposende.

Condecorado com medalhas por distinção em serviços prestados à comunidade e, em agosto de 1991, Dia do Município, galardoado com a medalha de ouro de Mérito Municipal.

— Nos finais de Março morreu no Hospital de Fão, vitimado por doença incurável, Ascânio Alfredo Ferreira Pereira da Silva de 46 anos de idade.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

**Optica**  
**Oliveira**

ALEIXO FERREIRA, LDA.

**GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA**

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

4700 BRAGA

## ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DE FÃO

Por ÓSCAR FANGUEIRO

Em 959, Fão aparece mencionada em documentos coesos, como «Villa nuncupata fano» com a característica de «propriedade rústica».

Em 1220, sabemos que tinha 35 casais reuengos e tinha «pescadores de ofício», que tinham uma pesqueira, denominada de «padroeiro», e pescavam com «camboas» ou «piscarias».

A sua população dedicava-se também, à lavoura e à colheita de sal, de acordo com as Inquisições desta data.

Pelas Inquisições de 1258, constastamos, que os homens de Góios foram morar no couto de Palmeira e em Fão, vindo daí agriculturar as suas terras foreiras «e tornasse a renda sobre los outros omees».

Através do Livro de Vereações de 1466, pertencente ao Município de Vila do Conde, vemos que entre «Homens Bons» que aparecem esporadicamente nas sessões de Vereação, estava Álvaro Luís de Fão, em 27 de Outubro de 1466.

Seria um, dos seis prováveis mareantes de outras «terras», que nesse ano marcaram presença, em tais actos.

Em 24 de Maio de 1749, D. João V avança com uma pragmática, contra o luxo e a importação de alguns tecidos estrangeiros. Assim, encontramos no parágrafo IV do artigo 1.º a proibição do uso de «rendas».

Em resposta a esta atitude, as rendeiras da costa norte do país, tomaram a decisão de protestarem, junto da «corte» em Lisboa, através de um requerimento, «em nome de todas as mulheres moradoras nas vilas e lugares de S. João da Foz, Matosinhos, Azurara, Vila do Conde, Fão, Esposende, Póvoa, Viana e outros mais, que se ocupavam na manufactura das rendas de linha».

Com os homens a navegarem para os portos das colónias e ausentes nas Minas, só restava às mulheres e filhos, para seu sustento, o trabalho quotidiano de rendas de linha.

Era tão grande a miséria provocada pela lei que em algumas destas localidades, faleceram pessoas à míngua.

Dado que para muitas era o seu único modo de viver, só lhes restava «o pedir esmola».

Antes, as rendas eram consumidas no país, no Brasil, na Espanha e outras colónias.

Não sabemos, como acabou este triste caso, nem qual o impacto que teve então.

Em 1789, os pescadores de Fão iam aos mares de Viana e Caminha, à pesca de pescadas, nos meses de Fevereiro a Maio, e também «os de Fam e esposende pescam a Arraia e Rodobalho a uma légoa de terra», como nos conta o sr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo.

Entre as 819 embarcações construídas em estaleiros do norte, de 1860 a 1880, 111 pertenciam aos de Esposende e Fão, que ocupavam o 3.º lugar na produção, de acordo com Emídio de Oliveira.

Porém, em 1890, só em Fão era construído o Barco Poveiro, na área do Cávado.

Estas e outras achegas já publicadas por vários autores, em «O Novo Fangueiro», ajudam a «constuir» a História de Fão.

## O GRUPO DA PÃPÃ MANDA NOTÍCIAS

• No dia 19 de Março reuniram-se alguns elementos do CDS-PP, no Hotel Ofir. Presidiu o dr. Pedras, da distrital de Braga, que teve a assessorá-lo o dr. Baptista, da concelhia. O ponto de ordem era a formação de listas para as próximas eleições da concelhia que se realizam em fins de Abril.

• No mesmo sábado reuniu o Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Fão, sob a superintendência do ajudante de Comando Norberto Mota, que tratou de assuntos com interesse para a corporação.

• Também no mesmo dia reuniu a mesa da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus de Fão, sob a presidência do Juiz Adelino Saraiva para apresentação de contas ao mesmo tempo que foi feita uma análise à actividade da mesa com especial destaque para as obras efectuadas na casa dos Alfaiais.

• Ainda no dia 19 de Março — uma data sobrecarregada! — reuniu a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Fão, para discussão e aprovação das contas da gerência de 1993.

• A Cooperativa Cultural de Fão — que muito activa se tem revelado, diga-se — vai levar a efeito, durante o período das festas do Bom Jesus, uma exposição com trabalhos em madeira de dois artistas fangueiros.

• A rampa do Largo das Rodas apresenta-se muito abandonada. Aquilo nem é carne nem peixe, isto é, nem é rampa nem escadório. Convém dar uma vista de olhos para o local. Já que se está com a mão na massa (leia-se largos), aquilo com um bocado de cimento e areia ficaria integrado (quase) na paisagem.

• O parque infantil do Bom Jesus desapareceu há cerca de um ano. Para onde?

• O parque infantil do Cortinhal apresenta-se muito desgastado e a não condizer com o largo do mesmo nome.

• A hecrópole de Fão, a maior da Europa em termos de idade média, dá a impressão de se encontrar muito abandonada. Segundo revelou o seu responsável aquela paragem é intencional. No entanto, se não está abandonada, até parece.

• No passado dia 13 de Março, em Paranhos, (Espinho) realizou-se a 1.ª mão do campeonato regional de pesca desportiva.

Entre as 14 equipas inscritas na Federação Portuguesa de Pesca Desportiva encontravam-se quatro sócios da secção de Pesca Desportiva da Cooperativa Cultural de Fão.

Apanhando uma solha, Paulo Antunes pôs o seu Clube a meio da tabela.

1.º — Ideal Madalenense	22 Pontos
2.º — Atlântico da Madalena	24 Pontos
3.º — Casa do Benfica	25 Pontos
4.º — Invicta	34 Pontos
5.º — S.E.C.	36 Pontos
6.º — Afurada	36 Pontos
7.º — Desp. da Póvoa	38 Pontos
8.º — Coop. Cult. de Fão	46 Pontos
9.º — C.D.C. Santana	46 Pontos
10.º — N. S. Vila do Conde	50 Pontos
11.º — Gulpilhares	50 Pontos
12.º — Juv. do Telheiro	51 Pontos
13.º — Naval Povoense	60 Pontos
14.º — Orfeão	60 Pontos

## O BOM JESUS DE FÃO ALTAR DO SENHOR DA AGONIA (OU DOS AFLITOS)

Por CARLOS MARIZ

O primeiro altar, construído nos anos após 1720, sem retábulo, foi demolido em 1757. Neste ano, após concurso feito em 5-9-1757, iniciaram a construção do altar actual, segundo risco mandado fazer em 12-2-1750. Foi concluído em 1759.

Com um supedâneo em granito, com três degraus, por causa das cheias, e toda a base em granito lavrado e retábulo em madeira, com talha, tem na parte superior quatro anjos segurando um quadro esculpido, representando a cabeça de Cristo. Importou em 256.335 reis.

Foi dourado por António Vieira, da cidade de Barcelos, em 1763, por 240.000 reis.

Para a construção e douramento deste altar legaram 300.000 reis e 30.000 reis, respectivamente, Manuel Leite Ribeiro e Teodoro Alves.

Foi novamente dourado na gerência de 1797/1798, custando 300.000 reis.

A Mesa que o mandou construir era constituída por: Rodrigo Nunes, Juiz, Manuel de Vilas Boas, Secretário, Manuel Mendes Leite, Procurador e A. de Faria, Tesoureiro.

Toda a parte superior deste altar ruiu em 1953, ficando o retábulo em pedaços. Foi reconstruído por operários da antiga fábrica das Serrações Reunidas, de Fão, sendo o restauro das pinturas executados pelo pintor e dourador fangueiro, já falecido, Celestino Morais. O douramento foi apenas retocado.

(Continua na pág. 10)

## JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro  
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA  
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS  
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538  
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## CAMPEONATO DE FUTEBOL DA 1.ª DIVISÃO REGIONAL DE BRAGA

Últimos resultados: Fão, 0 - Merelinense, 1; Lagense, 0 - Fão, 1.

Apesar da derrota em casa perante o 1.º classificado, a equipa fangueira continua a surpreender tudo e todos nesta fase derradeira da prova, e a comprová-lo está mais uma preciosa vitória fora de portas, num campo onde o adversário já tem dados algumas picadelas no brio dos nossos atletas.

Desta vez, para que tal voltasse a acontecer, ainda teve o árbitro a ajudar um pouco, dando um tempo de desconto bastante exagerado, talvez pensando que se o Lagense chegasse ao empate seria o resultado mais justo.

Quanto à derrota em Fão no confronto com o Merelinense, toda a gente, pela lógica, estaria a contar com isso, mas mesmo perdendo os jogadores fangueiros não desmereceram a confiança que neles se tem depositado. A entrega à luta foi constante contra um adversário de respeito que aos 15 minutos da 1.ª parte já vencia, marcando o único golo da partida na sequência de um livre à entrada da área fangueira, falta essa que ditou a expulsão de um defesa da nossa equipa.

Com uma hora e um quarto ainda para se jogar, com um elemento a menos e defrontando o 1.º classificado seria de esperar uma derrocada da equipa da casa, mas nada disso aconteceu. O comandante do campeonato mesmo tendo desperdiçado algumas oportunidades de aumentar o resultado, o que não escandalizaria, teve que sustentar o ímpeto dos jogadores fangueiros com muita dificuldade, já que estes criaram algumas situações de golo para empatarem a partida já nos minutos finais.

E para terminar vamos fazer alguns reparos pelo nosso esquecimento, já que devíamos ter relevado (o que agora fazemos) em números anteriores. É que no miolo da equipa já se fez sentir o regresso de Didi, que desde o final da época passada estava afastado devido a lesão grave que o obrigou a ser submetido a duas intervenções cirúrgicas. Também a defesa ficou mais consistente com a entrada de Pedro que voltou à mesma vindo do Marinhãs, e porque não falar também de Tiago, um jovem fangueiro nascido e criado nas camadas juvenis do Esposende e por empréstimo veio reforçar um plantel bastante carenciado no início da época por circunstâncias aqui várias vezes referidas.

### Classificação

1.º Merelinense .....	40 pontos
2.º Ribeirão .....	35 »
3.º Celeirós .....	32 »
4.º Realense .....	28 »
5.º Tibães .....	27 »
6.º Apúlia .....	26 »
7.º Fão .....	26 »
8.º A. Alvelos .....	25 »
9.º Brufense .....	24 »
10.º Forjães .....	23 »
11.º Lagense .....	22 »
12.º Maximinense .....	22 »
13.º Fradelos .....	22 »
14.º Gondifelos .....	22 »
15.º Aveleda .....	21 »
16.º Arnoso .....	20 »
17.º Viatodos .....	18 »
18.º Antas .....	17 »

## CANOAGEM

Belmiro Penetra navegou para o título de fundo

Belmiro Penetra, do Náutico de Fão, sagrou-se campeão nacional de fundo de seniores, em K1, no decorrer do respectivo campeonato, realizado na Pateira, em Óis da Ribeira (Águeda), e que teve a participação de 441 atletas, de 42 clubes.

A prova foi organizada pela Associação Cultural e Recreativa local (Arcor) e assinalou o 15.º aniversário, simultâneo, da colectividade e da Federação Portuguesa de canoagem.

A principal prova da jornada, de K1 seniores,

teve em Belmiro Penetra um vencedor esperado, que se impôs numa regata em que Rui Fernandes (Náutico de Prado) foi o seu principal adversário.

Penetra sucede, assim, a José Garcia, que, como é sabido, decidiu abandonar as competições.

O Náutico de Fão festejou também a vitória de um atleta seu em K1 juniores, através da boa navegação de José Pedras. Se em K1 as vitórias em seniores e juniores foram para atletas do Náutico de Fão, já em C1 foi o Náutico de Prado a recolher os melhores louros.

Classificação dos atletas fangueiros: Em K1 Juniores - 1.º José Pedras (Náutico de Fão). K1 Seniores - 1.º Belmiro Penetra (Náutico de Fão). C1 Juniores - 3.º João Santos (Náutico de Fão).

Por equipas o Náutico de Fão classificou-se em 4.º lugar.

### Campeonato Regional de Maratonas em Fão

Seniores, K1 - 1.º Belmiro Penetra; 3.º Emílio Araújo.

C1 - 2.º Carlos Vieira; 3.º Vítor Torres. Juniores, K1 - 1.º José Miguel Pedras; 2.º Pedro Silva.

K2 - 1.º Alberto Ferreira/Leandro Silva. Cadetes, K1 - 1.º Luís Coelho; 4.º Célio Pereira; 5.º Alberto Couto.

K2 - 3.º José Ferreira/Mário Lima. Infantis, K1 - 1.º Mauro Roxo.

### Campeonato Regional de Fundo em Fão

Seniores, K1 - 2.º Belmiro Penetra; 5.º Emílio Araújo.

C1 - 2.º Carlos Vieira; 3.º Vítor Torres; 4.º António Ferreira.

Juniores, K1 - 1.º José Miguel Pedras; 2.º Pedro Silva.

C1 - 2.º João Santos. Cadetes, K1 - 1.º Luís Coelho; 4.º João Jesus; Célio Pereira; Alberto Couto. Infantis, K1 - 1.º Mauro Roxo.

### Campeonato Nacional de Promessas em Ponte de Lima

Cadetes, K2 - 4.º João Jesus/Célio Pereira. K1 - 6.º Luís Coelho; Célio Pereira. Infantis, K1 - 6.º Mauro Roxo.

## A COOPERATIVA CULTURAL TRABALHA

Muito bem, senhor Presidente. A Cooperativa está a funcionar e bem. Desta vez foram três palestras com elevado nível.

A primeira realizou-se no dia 11 de Março. O título foi «Fão na Idade Média». Palestrou o dr. Brochado de Almeida.

Em 18 do mesmo mês foi a vez do dr. Pen-teado Neiva que versou o tema: «Fão nos séculos XVIII e XIX».

Finalmente em 26, o dr. Alberto Antunes Abreu falou de «Fão nos séculos XVI, XVII e XVIII».

Contra aquilo que pensávamos a afluência de pessoas fixou-se sempre à volta das 40. Foi um sucesso.

Ao longo dos meses, apresentaremos uma síntese de cada palestra.

## PÁSCOA

*Cristo ressuscitou, louvado seja, Triunfa abertamente o seu Amor! Vence a morte. Redime o pecador. Exclamai, povos todos, num só grito!*

*Louvado seja Deus, Ser Infinito! E de mãos postas, com santo fervor Cantai apaixonados ao Senhor: Honra e glória a Jesus, sede Bendito!...*

*No gólgota morreu, p'ra nos salvar, E vede como o amor nos resgatou! Meditai docemente nesse gesto, Lembrando sempre quanto nos amou...*

*E dizet, com unção, muito obrigado. Aleluia, Jesus ressuscitou! Cantai ao Deus omnipotente Aleluia, Jesus ressuscitou!...*

Cecília Paixão de Amorim



# REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
 APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUMNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUMNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:



PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 80 91 018 - 80 83 748 - FAX 86 73 85  
 LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597206



# PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA PRÁTICA DO ESPINAFRE

(SPINACEA OLERACEA L.)

(Continuado do número anterior)

Esta lavagem, não tem inconveniente, se os espinafres vão para mercados perto do local da apanha, e vendidos e consumidos no máximo até três dias após a colheita; se o período é maior há o perigo de aparecerem podridões. Hoje em dia a melhor maneira de conservar os espinafres é por congelação, sistema que esta espécie suporta admiravelmente sem destruição das suas qualidades organo-lélicas.

**Doenças e Pragas** — Entre as doenças que atacam o espinafre, destaca-se o míldio como uma das mais importantes. É provocada pelo fungo *Peronospora effusa* Rabenh, que se desenvolve principalmente nas regiões húmidas, nas proximidades da costa. A doença aparece nas folhas das plantas, em qualquer altura do crescimento, com a aparência de manchas amarelas. As partes atacadas começam a murchar e a secar e, finalmente toda a folha cai. Aparece também, principalmente na parte inferior da folha, uma espécie de bolor, que se apresenta primeiramente esbranquiçado e depois dum azul avermelhado. Para esta doença, não há tratamento eficaz. Controla-se com uma boa drenagem do solo onde se fizer a cultura, mantendo-se o terreno limpo de ervas, não deixando as plantas muito bastas e aplicando fertilizações bem equilibradas.

Outra doença que se encontra com

frequência, nas culturas de espinafres é provocada pelo fungo *Heterosporium variable* Coeque, que ocasiona o aparecimento, nas folhas, de pequenas manchas castanhas, que depois se alargam e multiplicam, até todo o limbo ser atingido. Nas manchas nota-se um bolor verde quase negro em ambas as faces da folha. Controla-se esta doença praticamente da mesma maneira como a provocada pelos ataques da *Peronospora*.

O espinafre é atacado por um vírus, que lhe é transmitido pelas picadas dos afídios. As plantas tornam-se amarelas, ficam atrofiadas e as folhas torcidas e curvadas para a base da planta. O melhor controle desta doença é a cultura de variedades resistentes, de que já há algumas nos Estados Unidos da América e a destruição dos afídios, para que não haja vectores para a propagação da doença.

Entre as pragas, temos os afídios. *Myzus persicae* (Sulz.) Bod. et Sw, que causam prejuízos, não só pelo ataque directo às folhas, sugando-as, como por serem vectores dos vírus. O controle desta praga pode ser tentado pela aplicação de aficidas devendo ter-se presente o esquema de tratamento para evitar os intervalos de segurança recomendados.

Outro insecto que ataca os espinafres é a larva mineira, *Pegomya betae* Curt, que cava galerias nas folhas, e causa por vezes, sérios prejuízos. As fêmeas põem os ovos na página inferior das folhas e as larvas, quando nascem, penetram nos tecidos cavando as galerias. A aplicação de pulverizações de paratião na altura apropriada, isto é, logo que aparecem os primeiros sintomas, pode evitar esta praga.

FIM

(Continua no próximo número)

## CULTURA PRÁTICA DO GOMBO OU QUIABO

O quiabo segundo Vavilov (1949/50) é uma planta originária da Abissínia e foi trazida, através do Nilo, pelos árabes para a Península Ibérica onde começou a ser cultivada nos séculos XII ou XIII.

É uma planta muito cultivada nos países tropicais e subtropicais, e sabemos ser de grande interesse no Brasil e em toda a África do Norte. Em Portugal, é reduzida a atenção que se lhe dedica cultivando-se apenas em algumas hortas como curiosidade. As partes comestíveis da planta são os seus frutos que se utilizam para sopas, guisados e molhos. Podem também ser consumidos cozidos ou fritos, só ou acompanhados com outros vegetais.

**Classificação e Variedades** — Planta anual, da família das malváceas, com caule erecto, pouco ramificado, de cinquenta centímetros a um metro de altura; folhas grandes alternas, divididas em cinco lóculos dentados, duma cor verde-escura na página superior e acinzentada na página inferior e com nervura muito pronunciadas. Flores grandes, axilares, de cinco pétalas amarelas, com o centro castanho ou violáceo; frutos piramidais, com cinco ângulos e divididos em cinco lóculos cheios de sementes grandes, quase esféricas, rugosas, parecidas com pequenos grãos de ervilha. A sua capacidade germinativa é de cinco anos. Um grama contém 15 a 18 sementes.

**HORTO S. MAMEDE**

DECORAÇÕES  
JARDINAGEM  
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78  
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

# O BOM JESUS DE FÃO

(Continuado da pág. 7)

Neste altar encontram-se as imagens do Senhor da Agonia, encarnado em 1728 por 4.800 reis, a da Senhora das Dores e de S. João Evangelista, todos trasladados da primitiva capela. Representam a cena do Calvário, descrita por S. João no seu Evangelho, Capítulo XIV, Versículo 26 «Jesus, pois, vendo a sua mãe, e junto dela o discípulo que amava, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho» e Versículo 27 «Depois disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe».

**TELHADO** — Começaram a colocação do madeiramento em 1720, no que gastaram 100.000 reis. Mas só em 1723, utilizando 200.000 reis, que Pedro Domingues da Cruz enviou do Brasil para dourar a Tribuna do Bom Jesus é que se efectuou a cobertura do telhado, para evitar a infiltração da chuva, que deteriorava a abóbada e os madeiramentos.

O dinheiro foi adiantado pelo Juiz, Reverendo Don Pascoal Monteiro, a título de empréstimo e oportunamente, com as esmola que vinham do Brasil, se mandaria dourar a tribuna.

Em 1785 o telhado abateu-se sobre a abóbada, mas apenas se partiu a telha e o madeiramento. Para a sua reconstrução gartaram-se 15 carros de telha, 177 telhões e despende-ram 249.995 reis em mão de obra e materiais.

Eram então Juiz Luís Pereira Carneiro Figueiredo Pereira Gajo, da Casa de Senra.

**PORTAS, GRADES E PÚLPITOS** — A madeira foi mandada do Brasil em 1720.

Em 28 de Maio de 1723 foi feita a escritura com o carpinteiro de Landim, António Carvalho, no tabelião Sebastião Ribeiro, para a construção das portas (principal, laterais, sacristia, coro, púlpitos) e bem assim as grades do coro, do corpo da igreja e púlpitos, por 150.000 reis.

Era Juiz o Reverendo Doutor Don Pascual Monteiro.

As grades da Capela-Mor foram reconstruídas em 1909 por Inácio Gonçalves Turra, de Fão, por 44.400 reis.

**TORRE** — Na gerência de 1728/1731, sendo Juiz Don Pascual Monteiro, trabalhava-se afanosamente na construção da Torre, no que gartaram 232 carros de pedra, que custaram 37.180 reis. As despesas totais desta gerência atingiram 1.467.549 reis, sendo mais de um conto de reis só com as obras.

As obras prosseguiram na gerência de 1731/32, sendo Juiz Manuel Rodrigues Pacheco e concluíram-se na gerência de 1732/1733, sendo Juiz Domingos Francisco da Cruz; secretário o Rev.º Dr. Don Pascual Monteiro e procurador o Padre Dâmaso da Silva e tesoureiro Francisco Ribeiro.

(Continua no próximo número)

## CASTELO

No castelo do meu peito  
Vive um príncipe encantado.  
Vivemos num amor perfeito  
Jamais será perturbado.

O meu príncipe perfeito  
Como ele não há igual,  
Vive dentro do meu peito,  
A sua casa ideal.

Será o nosso alimento  
O sonho e a fantasia,  
A nós, sem tormento,  
Só o amor de cada dia;

Intrigas de linguareiros  
Lá não podem entrar,  
Nem as hostes de guerreiros  
O poderão arrancar.

No Castelo do meu peito  
Ninguém pode penetrar...

ZAIDA

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 65811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

## UM ARTISTA APULIENSE

O nosso prezado amigo José António Carlos Carvalho nasceu artista e tem explorado essa veia: pinta quadros e executa trabalhos em madeira. É logicamente um imitador da natureza e segue portanto a escola naturalista. Mas o que faz é bem feito. É um autodidata.

Em Fevereiro expôs em Ponte do Lima 14 trabalhos seus: dois quadros, e o resto era escultura em madeira. Foi muito felicitado e premiado com uma medalha. Não vendeu nenhum quadro, melhor dito, nenhuma obra porque dificilmente se desprende da sua arte. Ofertas não faltaram. Davam-lhe por uma ceia mil e tal contos. Negou-se. Por uma Nossa Senhora ofereciam-lhe 150 contos. Nada nem ninguém o convenceu. «As minhas obras são para eu as disfrutar», diz ele. E não sai daí. Um dia destes far-lhe-emos uma visita a sério para mostrar ao leitor a sua habilidade.

Com o amigo Carvalho estiveram naquela mostra seu filho Avelino Fernando que segue as pisadas do pai e o artista de Esposende Manuel Ferreira, também galardoados.

## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

MARIA DA SAÚDE FERREIRA VELASCO DE SOUSA, Segunda Ajudante do mesmo cartório,

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de hoje mesmo exarada a folhas noventa e três, do livro de Escrituras Diversas número cinco D. Maria Helena Rocha Torres, divorciada, natural da freguesia de Forjães deste concelho e nela residente no lugar do Monte Branco. Declerou:

Que é dona e legítima possuidora com exclusão de outrem, do seguinte: Prédio urbano composto de casa com um pavimento, destinada a habitação com logradouro, no lugar de Monte Branco, freguesia de Forjães, concelho de Esposende, com a área coberta de noventa metros quadrados e logradouro com duzentos e vinte e oito metros quadrados, a confrontar do norte e poente João Alves Torres, do sul Adelina Almeida Rocha e do nascente Manuel Gonçalves Costa Neiva, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrito na matriz predial respectiva em nome da justificante sob o art.º 797, com o valor patrimonial de cento e dez mil quinhentos e noventa e dois escudos e o atribuído de Quinhentos Escudos.

Que, sempre esteve e se tem mantido na posse e fruição do mesmo prédio, há mais de vinte anos, habitando-o, pagando impostos e administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorar lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, continua e publicamente, com conhecimento de toda a gente sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriu o identificação do prédio por usucapião, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição de documento ou título formal que lhe facilite a prova do seu direito, base do registo que pretende fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, presta estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme o original.

Esposende aos vinte e oito de Fevereiro de mil novecentos e noventa e quatro.

a 2.ª Ajudante

a) *Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa*

## POUSADA DA JUVENTUDE

A ocupação da Pousada da Juventude ultrapassou em movimento os estudos que sobre ela haviam sido feitos por organismos oficiais. Com efeito no final do mês de Março o número de dormidas referente a este mês foi de 1428. Para se fazer uma ideia desta grandeza basta fazer o cotejo com as pousadas de Braga e Porto, que no mês de Março de 1993 tiveram 1030 e 984 camas ocupadas respectivamente.

Os jovens aparecem, passeiam-se pelas ruas de Fão, espreitam o rio, estendem-se até ao mar ou até ao pinhal e vão ocupando restaurantes e pubs locais. Boa mira tiveram os jovens empresários fangueiros que abriram recentemente este tipo de estabelecimentos em Fão.

Não há dúvida que a Pousada da Juventude foi mais uma unidade hoteleira que abriu em Fão com resultados bem visíveis.

Não esquecemos a esplêndida da sala de visitas que é a Alameda, cada vez mais acolhedora e asseada. E bonita, pois claro.

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras  
Carlos Mariz  
Marta Mariz Mendes

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

## ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos  
Baptizados  
Aniversários

Reuniões de Empresas  
Estágios Desportivos

## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 98 14 73  
FAX 053 - 98 22 65



# DE ESPOSENDE

## MARCAS — «BRASÃO» DOS PESCADORES

Ao longo da costa norte, usos e costumes herdados de antepassados pescadores vão continuando na convicção de manterem o conhecimento do seu património, em especial, as artes.

Lido com atenção «O Poveiro», de Santos Graça (de boa memória), arauto dos costumes das gentes de meus avós, defensor acérrimo dos interesses dessa Póvoa de corajosos Homens do mar, encontramos algumas semelhanças das práticas e da faina da pesca, outrotanto, quanto às lides em terra, com o apoio fiel das mulheres. Também na folia e na devoção — a faina, sendo arriscada obriga a estar sempre de bem com Deus Nosso Senhor — as maneiras são muito idênticas, de tal forma que as Marcas constituem o «brasão» de famílias que perduram até ao infinito, a impedir confusões com o património.

Curiosamente, têm sido deficientemente divulgados os costumes e tradições neste âmbito, muito embora, em tempos, palestras radiofónicas («Esposende em revista») tivessem essa procuração, conseguida é certo, até serem interrompidas. No entanto, tais usos e costumes vão continuando pois, as artes — verdadeira ferramenta dos homens do mar — têm necessidade de se identificar no alto mar enquanto aguardam o assejo. Por isso, os arabescos encontrados nas bóias, até no peixe, ou pintadas na prôa e na ré da embarcação, permitem uma rápida identificação do proprietário arrais e mestre. Contudo, diz-se com frequência: há «enganos» no alar das artes e não falta quem retire o pescado e deixe ficar os restos... Sabem que é crime mas, no mar, quantas coisas acontecem!

Marcas são os sinais convencionais para assinalar, como se disse, as artes e as balizas, além de identificar os pertences e local exacto onde estão fundeadas.

Consultando um trabalho sobre as Marcas dos Pescadores, da autoria do Dr. Penteado Neiva, edição de 1987, há «estudos pelo menos, desde 1889, quando Rocha Peixoto se refere pela primeira vez a marcas usadas pelos pescadores da Póvoa de Varzim e que se destinavam distinguir os seus aprestos de pesca. Com o andar dos tempos, em resultado das pesquisas, as marcas ou siglas eram aplicadas em utensílios individuais». Daí, a designação de «brasão» das famílias de pescadores.

Não podemos esquecer que ao longo da costa, outras colónias de pescadores, à falta de melhores condições, as marcas ou siglas eram (ainda são) aplicadas e utilizadas pelos donos das artes.

A propósito de siglas, como forma de identificação de proprietário, o livro «Arquivo e as origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão», de Alberto Antunes Abreu, refere-se às assinaturas sigladas de agricultores, além de pescadores, prova que o analfabetismo da época era ultrapassado por tão simples estratégia que permitia documentar a posse ou a propriedade de coisas ou de objectos. Sem dúvida que toda a gente respeitava e reconhecia «o brasão» de cada um, tal como as marcas que assinalavam a courela ou o lavradio pertença de cada agricultor.

Tentaremos esclarecer através de caso tipo o significado das marcas e de siglas e como se passavam de pais para filhos numa sucessão directa até se chegar ao último da família. Como exemplo: o cálice fechado, com piques ou cruces.

Interessante, a proliferação das siglas na

orla marítima de pescadores, devido, igualmente, à sua participação em actos ou manifestações de índole religiosa. É que, a tradição manda que se deve ter devoção pelos Santos protectores, era obrigatório, uma romaria na festa do seu dia. Aí deixavam, por qualquer forma e por qualquer meio, a sua Marca, «o brasão», de preferência gravada em local bem visível, a testemunhar a sua participação na romaria. O exemplo mais conhecido é a porta da capela da Senhora da Bonança, no pinhal de Ofir, Fão, verdadeiro «arquivo» de siglas e de marcas de pescadores poveiros, constituindo o documento mais importante sobre Marcas ou, se quisermos, dos «brasões» dos pescadores.

## COLECCÃO PÁDUA RAMOS EM FOCO

O nosso prezado amigo Arq.º Pádua Ramos é um coleccionador «avant la lettre». Desculpe o leitor este francesismo, mas nós queremos dizer que as espécies que ele colecciona, antes de serem portadoras de valor para os outros já o eram para ele. Digamos que ele intui, apreende com muita antecipação o valor das peças. Para a sua já famosa colecção de preciosidades ele tem efectuado várias visitas, muitas visitas, aliás, quer ao estrangeiro, com maior incidência em Paris, e também em Portugal.

De 30 de Março a 30 de Junho, está exposta a público no Museu nacional de Azulejo, integrada na Expo/94, uma mostra da sua colecção com incidência exclusiva no núcleo Artes do Fogo, do qual foram escolhidas 130 peças de vidro, cerâmica e esmalte, dum período que vai de 1880 a 1890.

Para se fazer uma ideia do valor desta exposição e do rigor da sua escolha, basta dizer que as peças foram seleccionadas por Jean-Luc Olivié, conservador do Museu das Artes Decorativas e responsável pelo Centro do Vidro em Paris e por João Castel Pereira, director do Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa, bem como das suas respectivas equipas técnicas.

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO

# PÁSCOA

## MEDITAÇÃO...

Neste dia em que se relembra a ressurreição de Jesus, é bom que no silêncio do amanhecer, todos nós façamos uma análise à nossa própria vida.

Que ela seja guiada pela Sabedoria, pela Paz e pela Força que vem através de Deus, que nos dará paciência, compreensão, prudência e mansidão, mas sobretudo através do amor.

Que possamos olhar o nosso semelhante, não através das aparências, mas como Deus os vê, na sua fragilidade e mesmo assim apreciá-los e amá-los como Ele os amou.

Não encontres faltas no homem que coxeia ou naquele que tropeça ao longo da estrada, a não ser que tenhas usado os sapatos que ele usa... ou te debates com o fardo que ele transporta.

Pode ser que ele tenha pregos nos sapatos que usa, e que muito lhe magoam os pés.

Pode acontecer que acho pedras ocultas aos teus olhos, mas que muito o façam sofrer.

Medita que o peso que ele carrega, colocado nos teus ombros, te fariam também cair ou tropeçar.

Não escarneças do homem que está hoje abatido, a não ser que já tenhas sofrido o golpe que o fez cair.

Respeita a timidez dos que caem, a não ser que já tenhas sentido a vergonha que só os que caem conhecem.

Tu podes ser forte, mas ainda assim se os golpes que ele recebeu, fossem recolhidos por ti, da mesma maneira e nas mesmas circunstâncias, concerteza far-tê-iam cair também.

Não sejas demasiado áspero e severo com o homem que peca.

Não o apredejes com palavras ou com o teu desdém.

A não ser que sejas um homem puro, íntegro e justo e duplamente certo que não tens pecados.

Sabes lá tu, que se uma voz tentadora tivesse segredado aos teus ouvidos, tão suavemente como a ele segredou, tu não te tivesses desviado do bom caminho e caído também.

Medita nestas coisas e não olhes para o teu irmão com ar reprovador.

Não julgues, para não seres julgado e perdoado 70 vezes 7, a falta ou a ofensa do teu irmão.

Perdoa com a mesma facilidade como respiras.

Lembra-te das palavras de Jesus: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.

E não foi somente em palavras que Jesus deixou a Sua mensagem.

Foi também em factos. E o maior foi o seu sacrifício na Cruz por amor da Humanidade.

Mas a Sua Ressurreição mostra que o Bem é sempre recompensado.

Boa Páscoa.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM